

A LINGUAGEM COMO PRODUTO DA HISTÓRIA: AS TEORIAS DE VICO E ROUSSEAU

LANGUAGE AS A BY-PRODUCT OF HISTORY: THE THEORIES OF VICO AND ROUSSEAU

Heronides MOURA

Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística - UFSC

Tayse Feliciano Marques

Graduanda do Curso de Letras-Português - UFSC

Resumo

Neste artigo, pretendemos comparar as ideias de Vico e Rousseau sobre as relações entre linguagem e história. São identificadas semelhanças entre os autores, como a primazia da metáfora na origem da linguagem e a correlação entre fases históricas e fases das línguas. No entanto, ao contrário de Rousseau, Vico tenta combinar seu historicismo com a hipótese de um dicionário mental universal.

Palavras-chave: Origem da linguagem. Vico. Rousseau. Metáfora.

Abstract

In this article, we aim to compare Vico and Rousseau's ideas about the connections between language and history. Many similarities are found, like the primacy of metaphor through the origins of language, and the correlation between historical and linguistic stages. Notwithstanding, Vico, contrary to Rousseau, tries to combine his historicism, with the hypothesis of a universal mental dictionary.

Keywords: Language origin. Vico. Rousseau. Metaphor.

1 INTRODUÇÃO

A linguagem humana sempre foi um tema fascinante para os filósofos. Neste artigo, vamos examinar as contribuições de Giambattista Vico (1668-1744) e Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), focalizando as hipóteses desses autores sobre a origem da linguagem humana, seu desenvolvimento e sua relação com o meio social e a história.

O objetivo deste artigo é explorar e contrastar as ideias dos referidos filósofos, considerando as semelhanças e possíveis diferenças em suas concepções acerca da linguagem, em especial no que concerne à relação entre língua e historicidade.

Muitos elos podem ser estabelecidos entre os dois pensadores, pois ambos tentaram descrever a natureza da linguagem a partir de uma perspectiva historicista. Este historicismo os levou, por exemplo, a defender a primazia da metáfora no uso da linguagem, ou seja, tanto para o pensador napolitano Vico, quanto para o genebrino Rousseau, a linguagem possui forte base metafórica.

No entanto, Vico ultrapassa o historicismo ao expor a teoria de uma língua mental comum a todos os povos, a qual seria anterior a todas as línguas históricas. Com isso,

apesar de ser um autor claramente situado na época pré-romântica¹, ele antecipa o debate contemporâneo, ao assumir uma perspectiva universalista, que vê em todas as línguas humanas características comuns. Essa ambivalência da postura de Vico, que percebe a linguagem tanto como um produto das vicissitudes históricas, quanto de características universais do espírito humano, torna este autor um teórico relevante para a pesquisa contemporânea sobre a linguagem. O debate atual sobre a natureza da linguagem se centra na análise da combinação de fatores cognitivos universais, por um lado, e culturais e históricos, por outro lado, que interagem para produzir as línguas humanas (cf. Pinker, 2007 e Tomasello, 2008).

Vico defendia que a linguagem surge e evolui de acordo com as necessidades dos povos, em função disso ele associa a cada época histórica, um tipo diferente de linguagem: à idade dos deuses, uma linguagem gestual; à idade dos heróis, uma linguagem metafórica e à idade dos homens, uma linguagem articulada. Essas três fases se organizam em torno das duas facetas do espírito humano: a imaginação e a razão.

The ages of gods and heroes result from memory and creative acts of “imagination” (*fantasia*), while the age of men stems from the faculty of “reflection” (*riflessione*). Vico thus claims to have discovered two kinds of wisdom—“poetic” and “philosophical”—corresponding to the dual nature of human beings (sense and intellect), represented in the creations of theological poets and philosophers, respectively. (COSTELLOE, 2012)

De modo semelhante a Vico, Rousseau classifica a evolução da língua em três estágios: a linguagem apaixonada, própria dos povos selvagens; a linguagem convencional, surgida quando o povo já está unido por leis comuns, e, finalmente, a linguagem gramaticalmente elaborada das sociedades modernas.

Vico se mostra adepto do historicismo, ao defender que a humanidade e a linguagem de que ela faz uso são formatadas pela evolução histórica, mas também se revela universalista ao expor a idéia de uma língua mental comum a todos os povos. O historicismo é uma das características mais marcantes das ideias de Vico. Segundo ele, a tradição do pensamento ocidental tende a deixar de lado a plasticidade histórica do ser humano. Autores clássicos como Platão, Aristóteles e Sêneca estavam sempre em busca da natureza imutável de nossos comportamentos e racionalidade (BERLIN, 2000). Essa recusa da historicidade se agrava e se transforma numa caricatura da realidade, quando ela implica a negação do poder transformador da ação humana não só sobre o mundo, mas sobre o próprio ser humano.

When, in addition, the plasticity of men and especially their capacity for transforming themselves by their own creative activity, is omitted from the model, it becomes a caricature and, if applied to reality, leads only to errors and absurdities. (BERLIN, 2000, p. 60)

No entanto, esse historicismo de Vico se combina com a ideia de um dicionário mental de natureza universal, o que traz à tona certa tensão na teoria do autor italiano. Entendemos, todavia, que essa ambivalência de Vico é rica e instigante, podendo

¹ É importante enfatizar o pré-romantismo tanto de Vico quanto de Rousseau.

constituir uma importante fonte de reflexão, no contexto atual de pesquisa sobre a natureza da linguagem humana.

2 A HIPÓTESE DO DICIONÁRIO MENTAL

Antes de tudo, é importante observar que Vico não foi o único pensador a tentar compatibilizar historicismo e universalismo. Assim como ele, o filósofo alemão Hegel também defendia essas duas correntes, vistas como opostas.

Hegel, por meio da filosofia da história, tenta compreender o desenvolvimento do espírito do homem no tempo, nos seus variados momentos, procurando perceber a razão humana como lei do mundo, ou seja, para esse filósofo, devemos compreender racionalmente o processo histórico humano.

Existe entre Hegel e Vico uma analogia profunda entre o conceito de *Providência* em Vico e aquele de *astúcia da razão* em Hegel. Porém, esses dois conceitos têm uma atuação completamente diferente no curso da história dos homens. Para Vico não existe um plano providencial geral, uma história universal como na filosofia da história hegeliana. Enquanto a história ideal eterna é o desenvolvimento típico de cada comunidade e se desenvolve no interior de todas elas, a filosofia do espírito hegeliana é o desenvolvimento do espírito no seu passar através dos povos. Um povo é portador do espírito e investido da racionalidade, mas depois é abandonado e sua vida ideal termina enquanto continua apenas a sua vida temporal. (MARANGON, 2007, p.33, grifos do autor).

Vico, ao longo de sua obra *Ciência Nova*, leva em conta a ideia cristã de providência divina, a fim de explicar mais a fundo a história do homem. Vico atribui à divina providência a responsabilidade do bem-estar civil, pois, segundo ele, a providência converte as paixões dos homens, tais como a ferocidade, a avareza e a ambição, respectivamente, em força militar, comércio e tribunais. Sendo assim, a divina providência, considerada por Vico também como divina mente legisladora, transforma as paixões dos homens, que os deixariam viver na solidão, em ordens civis que os fazem conviver em uma sociedade comum.

O filósofo italiano utiliza diversos aforismos² para discutir a questão do direito natural dos povos. Vico deixa evidente sua posição, ao enfatizar que o direito natural nasce de modo espontâneo entre os povos, os quais, mesmo vivendo em períodos simultâneos, nada sabem uns dos outros, e só percebem ser o direito natural comum a toda a espécie humana, em ocasiões de guerras, embaixadas, alianças e comércios. Uma vez que o direito natural é comum a todas as nações, ele só pode ter sido ordenado pela divina providência.

Do mesmo modo que Vico acredita em um direito natural comum a todas as nações, ele também defende a ideia de uma linguagem mental comum, ou seja, a hipótese de uma língua interior comum a todos os homens. Segundo o filósofo, os homens,

² Na primeira parte da obra *Ciência Nova*, Vico escreve sob a forma de aforismos, aos quais ele chama de Dignidades. Para tratar a questão do direito natural, Vico usará as dignidades 8, 13, 104 e 105.

independentemente dos lugares e épocas em que nascem, e mesmo com a diversidade das culturas, têm uma forma comum de raciocinar, de sentir e de agir. Essa forma comum caracteriza a língua mental que, de acordo com Vico, precede todas as línguas históricas.

Indispensável é que exista na natureza das coisas humanas uma língua mental comum a todas as nações. Uma língua, que uniformemente interprete a substância das coisas praticáveis na vida social humana, e que a explicita mediante tantas modificações distintas quantos sejam os diversos aspectos que tais coisas possam assumir. (VICO, 1979, p.37).

Ao defender a teoria de uma linguagem mental, Vico mostra-se vinculado à corrente universalista, a qual considera que todas as línguas humanas possuem propriedades comuns, mesmo não tendo havido qualquer contato entre os povos, o que permitiria atribuir essas características comuns à difusão cultural. A visível ligação do filósofo com o universalismo nos mostra a contemporaneidade de Vico que, ainda no início do século XVIII, levantou questões que são de grande importância para as pesquisas da linguagem hoje em dia. Entretanto, é importante destacar que Vico não foi precursor, ao apresentar a questão de uma propriedade comum das línguas. Ainda no século XVII, os gramáticos de Port-Royal mostravam claras características universalistas, pois enxergavam a língua como expressão do pensamento e acreditavam que as propriedades das línguas humanas eram universais. Desse modo, o grupo de pensadores de Port-Royal se devotou à elaboração de uma gramática geral, comum a todas as línguas (cf. MOURA e CAMBRUSSI, 2008; SEUREN, 1998). A contribuição específica de Vico é que ele tentou combinar esse universalismo com as variações estruturais e culturais que caracterizam as línguas humanas. As línguas, portanto, são tanto uma mostra da plasticidade da natureza humana, quanto da universalidade da cognição humana.

Locuções populares, idiomatismos e ditados apresentam, nas várias línguas e culturas, alguma semelhança entre si. Essas locuções dão mostras da existência de um dicionário mental universal, que funcionaria como um fator unificador, em meio à diversidade linguística.

This unifying factor, while makes history the story of the development of a single species – mankind –seems to Vico demonstrated by the similarity of proverbs in many tongues, and he thinks a dictionary could be composed of basic ideas (*voci mentali*) common to all people. (BERLIN, 2000, p. 69).

Vico era um vigoroso crítico do cartesianismo. Ele argumentava que, nas ciências sobre o homem, é impossível reduzir a descoberta da verdade a uma dedução lógica, baseada em princípios *a priori*. As leis sociais, por exemplo, não podem ser dedutíveis de princípios lógicos imutáveis, mas devem ser consideradas como expressão do que é considerado justo, no contexto de uma dada sociedade (SEUREN, 1998, p. 59).

Vico atribui a racionalidade natural do homem à divina providência. Segundo o filósofo, a história do homem consiste em um progresso da razão, sempre no intuito de alcançar a melhor forma possível de satisfação, em todos os aspectos da vida. Essa busca da razão para suprir as necessidades do homem, é que conduziu o ser humano a uma vida em sociedade. Assim, apesar de estar longe de ser um racionalista cartesiano,

Vico revela-se racionalista por acreditar que a razão pode fundar o mundo social, porque ela mesma, na intenção de satisfazer as urgências do homem, o criou historicamente.

Pode parecer contraditória a forte presença de Deus na obra de um autor racionalista, mas é importante ressaltar que o filósofo não separa a providência divina da razão do homem. Para ele, a própria providência é a razão do homem.

A providência divina é a razão do homem, a qual foi concedida a ele na sua criação, de maneira que esta não pode ser considerada como uma intervenção de Deus na vida humana, isto é, a providência divina é natural ao homem, pois ela faz parte da sua natureza desde a criação. Vico admite que o homem é naturalmente um ser racional, sendo que esta racionalidade é providente de Deus, o qual criou o homem com esta capacidade de pensar e julgar abstratamente. Porém, é importante deixar claro que apesar de ter essa capacidade, o homem gentio ainda não a tinha desenvolvido e, por tal motivo, ainda não conseguia formular conhecimentos abstratos, de maneira que tudo que conhecia era de forma imediata – sem mediação –, tendo como único meio para tal os sentidos. (CAVALCANTE; GUIDO, 2006, p. 9).

Ao contrário de Vico, o filósofo Jean-Jacques Rousseau, em sua obra *Ensaio Sobre a Origem das Línguas*, mostra-se mais de acordo com a ideologia pré-romântica e não compartilha a ideia de uma linguagem mental comum a todas as nações. De acordo com ele, a linguagem humana passou a existir, a partir da necessidade de expressão dos sentimentos e de enriquecimento da vida interior. Para Rousseau, a linguagem, em sua origem, era mais expressiva do que racional. O desenvolvimento da linguagem favoreceu a interação e a sociabilidade humana, e não o progresso da razão.

3 A HISTORICIDADE DA LINGUAGEM EM VICO

Segundo Vico, todas as nações passam por períodos diferentes, que correspondem à evolução histórica do homem. Para facilitar a compreensão dessa ideia, o pensador compara os diferentes estágios pelos quais passa a humanidade com as fases de desenvolvimento de um indivíduo. Primeiramente, o homem vivencia a fase da infância, na qual as coisas do mundo não são totalmente claras; em seguida, passa à fase da adolescência, na qual se tenta desvendar o desconhecido através da fantasia e a emoção impera sobre a razão; e, enfim, a fase adulta, livre da obscuridade, da fantasia e da emoção. O pensador relaciona as três fases citadas, respectivamente, às três idades vivenciadas pela humanidade: idade dos deuses, idade dos heróis e idade dos homens.

Assim, essa *Ciência Nova*, ou Metafísica, considerando, à luz da providência divina, a natureza comum das nações, havendo intuído tais origens das coisas divinas e das coisas humanas entre as nações gentílicas, estabelece-lhes um sistema do direito natural das gentes, que com suma coincidência e constância, passa pelas três idades, pelos egípcios relatadas como ocorrentes ao longo do mundo que os precedeu. A *idades dos deuses*, em que os homens da gentilidade acreditavam viver sob governos divinos, julgando que tudo lhes fosse determinado através dos auspícios e dos oráculos, ambos

representando os mais velhos eventos da história profana; a *idade dos heróis*, na qual, entre todos eles, tiveram domínio as repúblicas aristocráticas, já que se apoiavam numa por eles considerada qualificação de natureza superior à dos seus plebeus; e, finalmente, a *idade dos homens*, em que todos se reconhecem iguais pela natureza humana, razão por que, primeiramente, celebraram as repúblicas populares e, finalmente, as monarquias, ambas, como acima se demonstrou, formas de governos humanos. (VICO, 1979, p. 22,23, grifos do autor).

Acreditando que há um forte vínculo entre a evolução mental e social do ser humano com a evolução de sua linguagem, o filósofo napolitano relacionou o desenvolvimento do homem, ou seja, as três idades vivenciadas por ele, com três formas diferentes de linguagem. É o que veremos nas seções a seguir.

3.1 Idades dos deuses

Vico acredita que, nessa idade, caracterizada como a fase primitiva da história humana, a linguagem era quase que inteiramente gestual e muito pouco articulada, a comunicação sendo realizada por meio de atos e sinais, que mantinham relações naturais com os pensamentos. Os homens dessa era eram seres ignorantes desprovidos de razão que, urrando e resmungando, expressavam suas violentas paixões. Não era próprio desses primitivos possuir qualquer habilidade de reflexão. No entanto, eram dotados de intensa fantasia.

O filósofo napolitano defendia que somente Deus pode conhecer os fenômenos naturais em sua totalidade, pois foi ele que os criou. E do mesmo modo, os homens só conhecem verdadeiramente as coisas que criam. Sendo assim, como os homens primitivos não possuíam controle sobre os fenômenos naturais e desconheciam as causas dos estrondos dos trovões, dos raios e relâmpagos, a fim de entendê-los, imaginativamente cogitaram que o céu fosse um extraordinário corpo animado, e o chamaram de Júpiter. Este deus comunicava-se através dos raios e trovões e governava por sinais, ou seja, para os homens da idade dos deuses, a natureza era a própria língua de Júpiter.

Em síntese, pode-se dizer, de acordo com Vico, que os homens primitivos, por serem incapazes de refletir e desconhecem a verdadeira origem das coisas, percebiam os fenômenos da natureza como divindades e acreditavam viver sob a vontade desses governos divinos. Essa crença, para Vico, caracteriza a primeira grande fábula, o que faz desses homens primitivos os primeiros poetas da humanidade.

3.2 Idades dos heróis

A ligação dessa idade com a idade dos deuses deve-se ao fato de que os heróis, os grandes homens que dominaram esse período, como Aquiles, Teseu e Rômulo, se diziam descendentes de Júpiter, que era rei e pai, tanto dos deuses, quanto dos homens.

Na idade dos heróis, a linguagem era épica e sensorial, baseada no uso de metáforas, imagens, símiles e descrições naturais. O pensar por imagens era o modo próprio dos homens conhecerem as coisas e isso, segundo o filósofo, marca esses povos como naturalmente poetas. O universo heroico era repleto de violência, espanto, euforia e

êxtase; a fantasia prevalecia fortemente sobre a reflexão e a imaginação não se diferenciava da realidade. É de se ressaltar o poder cognitivo atribuído à imaginação. Os conceitos tinham uma base sensorial. Nota-se aqui um prenúncio das ideias sobre metáfora, defendidas muito depois por Lakoff e Johnson (1980).

O falar segundo, que corresponde à idade dos heróis, asseveram os egípcios ter sido por símbolos, a que hão de reduzir-se as empresas heroicas. Tais hão de ter sido as similitudes mudas, que em Homero se dizem *sémata* (caracteres mediante os quais os heróis escreviam). Por via de conseqüência, devem corresponder a metáforas, imagens, similitudes ou comparações, que depois, com a linguagem articulada, constituem o estoque de adornos (*suppellettile*) da linguagem poética. (VICO, 1979, p.104, grifos do autor).

Vico acreditava que a *Ilíada* e *O Antigo Testamento* foram obras escritas na idade dos heróis e, por isso, justifica-se a importância dos deuses nessas narrativas e, também, os sacrifícios frequentes oferecidos a eles.

Foi nesse período que teve início a primeira forma de governo baseada na autoridade. De acordo com o pensador napolitano, os chefes de famílias mais poderosas devem ter exercido um império monárquico no âmbito das tribos. Mais tarde, com a chegada dos plebeus, essas tribos gradativamente se ampliaram, e a fim de se defenderem contra a invasão de outras tribos, e com isso organizou-se uma estrutura social baseada na autoridade. A princípio, não houve contestação a essa hierarquia, mas com o passar do tempo, os servos se voltaram contra aqueles que os dominavam. Nesse momento, os homens dividem-se em aristocratas e plebeus. Os primeiros eram os que detinham o poder, os donos da terra; os últimos, insatisfeitos com o tratamento e as condições em que viviam, lutavam por mudanças. Essa divisão provocava constantes conflitos sociais por conta das disputas pelas terras, de forma que essa idade é caracterizada, também, pelo conflito entre os povos.

3.3 Idades dos homens

Essa idade caracteriza-se por uma linguagem articulada, voltada para a vida cotidiana. Desenvolvem-se nela o entendimento conceitual, a narrativa escrita e o diálogo. Esta linguagem foi introduzida pela plebe dos povos heroicos e foi nesse período que as leis começaram a ser redigidas com caracteres vulgares³.

A terceira foi a língua humana, mediante vocábulos convencionados pelos povos. Dela foram absolutos senhores os povos justamente das repúblicas populares e dos Estados monárquicos, a fim de que os povos dessem valor significativo às leis, a que se deveriam subordinar não só a plebe, mas também os nobres. (VICO, 1979, p. 23).

Na idade dos homens, a história se baseia na racionalidade, que reconhece por lei a consciência, a razão e o dever. É marcada por constantes disputas de classes, por isso são estabelecidas repúblicas democráticas, para moderar e organizar a desordem gerada

³ Para Vico os caracteres vulgares formam a língua vulgar composta de palavras que representam gêneros particulares.

por tantos conflitos. Nessa idade, ocorre ainda o surgimento de democracias, o governo assume a forma de república popular ou de monarquia, a fim de garantir a igualdade de direitos para todos os cidadãos livres.

Assim, a idade dos homens, momento do desenvolvimento da razão, traz consigo o germe de sua destruição pelo individualismo expresso no racionalismo que dissolve as crenças e dogmas relativizando os valores definidos nas primeiras idades e indicando um retorno ao estado caótico dos primórdios da humanidade. (ANDRADE, 2009, p. 31).

Como já foi dito, Vico acreditava que a história da humanidade consiste no desenvolvimento da razão e que os homens a utilizavam a fim de satisfazer suas necessidades imediatas. Segundo o pensador, a razão do homem o levou a uma vida social, simplesmente porque o viver em comunidade era favorável para todos. No entanto, quando a convivência em grupo não parecia mais tão cômoda, a razão do homem o levou a buscar o individualismo e a não se preocupar com o bem estar do próximo, ocorrendo, em função disso, constantes disputas de poder e conflitos entre grupos, próprios da idade dos homens. Sendo assim, o progresso da razão não é sinônimo de equilíbrio, ordem e felicidade, mas de desequilíbrio e conflito.

4 A ORIGEM DA LINGUAGEM SEGUNDO VICO E ROUSSEAU

Com o intuito de conhecer verdadeiramente o homem e seus produtos, Vico pesquisou a linguagem humana que, de acordo com ele, carrega consigo as fábulas, os mitos, as tradições e expressões do espírito do homem. Dessa forma, a linguagem pode ser considerada a chave de uma nova ciência e, a fim de explicar tal ciência, o filósofo procurou uma união entre a filologia e a filosofia. Vico se via como um linguista, além de filósofo.

O pensador napolitano discorda da ideia de que a linguagem tenha surgido de um meio artificial, que os homens convencionalmente tenham inventado para expressar ideias preexistentes. Pelo contrário, Vico acredita que a linguagem desenvolveu-se de forma natural e o processo de seu desenvolvimento está intimamente ligado ao curso do espírito humano. De acordo com ele, o estudo da filologia e da etimologia pode levar ao conhecimento da vida espiritual dos povos mais antigos. O estudo da linguagem é visto por ele, como um trabalho de reconstrução simbólica. Berlin (2000, p. 11) denomina essa técnica de imaginação reconstrutiva: “This type of knowledge is yielded by “entering” into the mental life of other cultures, into a variety of outlooks and ways of life which only the activity of *fantasia* – imagination- makes possible.”

Assim, as formas de linguagem e os sentidos empregados pelo homem variam ao longo do tempo e, por meio da análise da evolução da linguagem, é possível obter informações sobre os processos mentais de que os homens faziam uso nas diferentes épocas.

Do mesmo modo que Vico, Rousseau crê que o nome das coisas não resulta de uma escolha arbitrária. Para o filósofo genebrino, a primeira linguagem do homem foi o "grito da natureza", surgido de maneira natural, espontânea, para implorar socorro no perigo ou como alívio de dores violentas.

Rousseau considera errônea a versão de que foi através das necessidades físicas que surgiu a linguagem. Para ele, o efeito dessas necessidades materiais consistiu em separar os homens, não em uni-los. Os conflitos gerados pelas necessidades ocasionaram a dispersão dos homens e o rápido povoamento da terra. O pensador acredita que o surgimento da linguagem deve-se às necessidades morais e emocionais do espírito humano (MOURA & CAMBRUSSI, 2008).

Rousseau afirma que, a princípio, os homens utilizavam sinais sensíveis para exprimir naturalmente o pensamento e, através da linguagem dos gestos, os homens entendiam-se perfeitamente. No entanto, após mencionar a maior eficácia da linguagem gestual ou das imagens na transmissão das ideias, o filósofo ressalta que há uma grande diferença, quando se trata de comover o coração e inflamar as paixões, pois, nesses casos, a palavra se torna indispensável, para que o sentimento seja compreendido pelos outros. Rousseau dá à palavra falada um valor, que não possuem os símbolos e gestos puramente visuais.

Em suma, pode-se dizer, segundo Rousseau, que as necessidades físicas ditaram os primeiros gestos dos seres humanos, e as necessidades morais, ou seja, as paixões, foram as responsáveis pelas primeiras palavras. As palavras originais não foram metódicas, nem racionais, foram vivas e metafóricas.

4.1 Linguagem poética

Rousseau crê que as primeiras expressões vocais formaram-se segundo o gênero das paixões. Assim, os versos, os cantos e as palavras têm a paixão como sua fundadora e, com isso, possuem uma origem comum. Temos, então, a afirmação do filósofo de que as alocações iniciais foram cantadas, ou seja, o falar primeiro dos povos foi poético e musical. Desse modo, as histórias primeiras foram proferidas em versos, assim como os primeiros discursos e as primeiras leis. Conclui-se, então, que para o pensador genebrino o falar em prosa sucedeu o falar poético.

A língua originária, hipotetizada por Rousseau, teria como fonte as paixões, fomentadas, por sua vez, pelo reconhecimento mútuo entre os homens. Essa língua concebida como produto das paixões, como externalização de afetos não é outra coisa senão Música, pura expressividade sonora composta das mais difusas inflexões vocais que incitam o movimento das almas. (RIBEIRO, 2008, p. 01).

Dessa maneira, Rousseau desenvolve sua teoria de que a primeira linguagem a nascer foi figurativa, o sentido literal tendo surgido depois. Consciente de que tal teoria seria rejeitada por grande parte de seus leitores, Rousseau a explica:

[...] mas para me compreenderem, será preciso substituir a palavra que transpomos pela ideia que a paixão nos oferece – só se transpõem as palavras porque se transpõem também as ideias, pois de outro modo a linguagem figurada nada significaria. (ROUSSEAU, 1978. p. 164).

De acordo com o filósofo, assim como as primeiras falas dos povos foram apaixonadas, o modo de ver as coisas também era. Com isso, iludidos e cegos pela paixão, os homens atribuíram primeiramente um sentido figurado às coisas que iam conhecendo e,

somente mais tarde, quando a mente já esclarecida admitia seu equívoco, os homens classificaram o falar apaixonado como metafórico, e não como literal.

Da mesma maneira que Rousseau, Vico defende a ideia de que a linguagem original foi essencialmente metafórica. O filósofo napolitano encontra na linguagem um meio precioso para desvendar as etapas do desenvolvimento humano, e conseqüentemente, entender melhor como pensavam, agiam e se relacionavam os povos. Ao contrário da corrente de sua época, que via a metáfora como inimiga da verdade, Vico a classifica como o falar primeiro de todos os povos e como a mais luminosa e consistente de todos os tropos⁴. A atualidade dessa afirmação de Vico é impressionante. Muitos autores atuais chegaram a conclusões semelhantes sobre a importância da metáfora na representação de conceitos e na criação de palavras (Lakoff; Johnson, 1980; Ricoeur, 2005; Pinker, 2007).

Somente num segundo momento surgem os termos abstratos, designadores de classificações já cristalizadas, quando o enraizamento dos significados no corpo e na cultura dos homens de uma dada nação começa a ser progressivamente esquecido. A linguagem metafórica não é um desvio da linguagem literal, mas é a ferramenta através da qual toda linguagem é construída. (ZIR, 2009, p. 21)

De acordo com Vico, cada nação teve o seu Júpiter e o associavam metaforicamente com o céu. Para os caldeus e egípcios Júpiter foi o céu; os persas acreditavam que o céu foi o templo de Júpiter; para os gregos Zeus era também o próprio céu.

Foi na idade dos heróis que, através das mitologias, as metáforas foram mais largamente usadas. Os grandes homens que dominaram esse período como Aquiles, Teseu e Ulisses foram usados metaforicamente para expressar um significado unívoco. Desse modo, o herói grego Aquiles era usado para expressar a ideia do valor comum a todos os fortes; e Ulisses, uma ideia de prudência comum a todos os sábios. Ou seja, Vico considera os personagens mitológicos como alegorias. As metáforas são, para ele, fábulas abreviadas.

E, por fim, na idade dos homens, com a razão já desenvolvida, os homens não buscam mais desvendar os mistérios da natureza por analogia com o divino. E não apenas usam as partes do corpo como meio de entender os elementos da natureza, como, por exemplo, na locução “braço do rio”, mas também usam dos meios naturais para exprimir sentimentos próprios dos homens, ao falarem, por exemplo, “meu corpo está em chamas”. Características da natureza são usadas para explicar e descrever o mundo psicológico.

Na idade dos homens, não há mais uma confusão entre o literal e o figurado. O falante faz uso da metáfora, consciente de que ela representa um significado derivado.

Assim como Rousseau, Vico acredita que as primeiras línguas foram apaixonadas e poéticas, pois como os homens começaram a pensar através de símbolos e não por meio de conceitos, eles começaram a falar de forma poética e não em prosa. De acordo com o filósofo napolitano, a poesia e o canto foram o modo natural e universal da expressão humana, nos tempos primitivos.

⁴ Vico resume os tropos em quatro figuras de linguagens: metáfora, metonímia, sinédoque e ironia.

[...] os autores das nações gentílicas teriam refocilado num estado ferino de animais mudos e que, por apatetados, não tivessem, não se tivessem despertado senão por pressões de paixões violentíssimas, chegando, pelo canto, às suas primeiras línguas. (Vico, 1979, p. 48).

5 OS ESTÁGIOS DA LINGUAGEM SEGUNDO ROUSSEAU

Assim como Vico, Rousseau, em sua obra *Ensaio Sobre a Origem das Línguas*, usa da linguagem como meio de desvendar a origem da sociedade civil. E, novamente, de maneira semelhante a Vico, classifica os homens reunidos em nações, em três momentos distintos, que correspondem a três diferentes estados de linguagem.

De acordo com o pensador suíço, a primeira linguagem teria surgido como uma variação do instinto, ou seja, durante momentos de perigo, nos quais fosse necessário estar alerta. Essa linguagem foi extremamente apaixonada, repleta de emoção, derivada de onomatopeias e gestos brutos (para imitar possíveis predadores). Falava-se de maneira cantada, porque, segundo Rousseau, as formas musicais desenvolveram-se a partir dos sons evocativos das paixões.

Não duvido que, independentemente do vocabulário e da sintaxe, a primeira língua, caso ainda existisse, não houvesse conservado caracteres originais que a distinguiam de todas as demais. Não somente todos os torneios dessa língua deveriam-se fazer por imagens, sentimentos e figuras, como também, na sua parte mecânica, deveriam corresponder a seu primeiro objeto e apresentar, aos sentidos e ao entendimento, as impressões quase inevitáveis da paixão que se procura comunicar. (ROUSSEAU, 1978, p.166).

No segundo estágio, o aumento da complexidade dos diálogos fez com que os gestos e sons menos articulados fossem, gradualmente, substituídos por palavras convencionadas. Pois, nessa fase, o homem começa a sentir necessidade de nomear tudo aquilo que o rodeava, desde os objetos mais concretos, até os conceitos mais abstratos. Sendo assim, a razão dos povos começa a aflorar, e a linguagem perde grande parte das características onomatopaicas e torna-se mais convencionada, deixando também de ser tão apaixonada. Rousseau acredita que, nessa etapa da língua, todo o povo já está unido por leis comuns.

E, finalmente, no terceiro estágio, a língua é absolutamente convencional, a razão impera sobre a emoção. Essa linguagem é bastante complexa e tem como finalidade a comunicação entre membros de sociedades muito organizadas. Pode concluir-se, então, que esse estado corresponde ao nosso modo atual de comunicação.

Segundo Rousseau, a evolução da língua a torna mais clara, no entanto, também a deixa mais fria:

Na medida em que as necessidades crescem, os negócios se complicam, a luzes se expandem, a linguagem muda de caráter. Torna-se mais justa e menos apaixonada, substitui os sentimentos pelas ideias, não fala mais ao coração, senão à razão. Por isso mesmo, o acento se extingue e a articulação progride; a língua fica mais exata,

mais clara, porém mais morosa, mais surda e mais fria. Tal progresso parece-me perfeitamente natural. (ROUSSEAU, 1978, p.167).

De acordo com Rousseau, os interesses e costumes dos homens exercem grande influência sobre a língua de um povo. Na primeira fase da linguagem, vê-se que as paixões, ou seja, as necessidades morais foram as responsáveis por suscitar no homem a comunicação verbal. No segundo estágio, o interesse do homem em nomear tudo aquilo que o rodeava, fez com que a linguagem se tornasse mais convencionalizada. E na terceira e última fase, voltada para a comunicação prática e social, tornou-se imperativo elaborar uma linguagem bastante racional, com uma estrutura gramatical mais complexa.

Rousseau acredita que o progresso do raciocínio tornou possível a constante evolução da linguagem no seu sentido gramatical. No entanto, essa gramaticalização corresponde também a um declínio da linguagem, que deixou, gradativamente, de ser uma língua viva, apaixonada e cantante, para tornar-se uma língua fria, um instrumento manipulável. Rousseau associa a gramaticalização a um maior controle e cerceamento social dos falantes, pelos poderes estabelecidos de uma sociedade complexa.

6 CONCLUSÃO

Ao analisarmos a obra-prima de Vico, *Ciência Nova*, e a obra de Rousseau *Ensaio Sobre a Origem das Línguas*, concluímos serem inúmeras as semelhanças encontradas entre as ideias desses pensadores acerca da linguagem humana. Ambos tentaram compreender a origem e a evolução da língua, com o intuito de iluminar a instigante questão da relação entre linguagem e história.

Creemos que a analogia mais interessante e até mesmo intrigante desses filósofos é a defesa da primazia da metáfora, pois Vico e Rousseau acreditam ser a linguagem metafórica o modo primeiro de falar dos povos.

No entanto, o filósofo napolitano se distancia do genebrino, ao defender a hipótese de um dicionário mental comum a todas as línguas humanas. Vico acredita que mesmo antes de os diferentes povos terem conhecimento uns dos outros, eles já compartilhavam o mesmo modo de pensar, de sentir e de agir, e isso acontece devido à língua mental comum entre eles.

Essa linguagem comum entre os homens evolui na medida em que se desenvolvem a mente e a história humanas. De acordo com Vico, todos os povos passam por períodos diferentes, que correspondem à evolução histórica e linguística do homem. O pensador classifica essas fases históricas em três idades: a dos deuses, a dos heróis e a dos homens.

Com essa classificação, Vico evidencia o progresso mental do homem e seu avanço de um modelo de conhecimento do mundo baseado nas divindades representadas pelos fenômenos naturais, passando pelo tempo dos grandes heróis e, por fim, chegando ao mundo, no qual se dá o predomínio da razão. O progresso da razão oferece ao homem o desenvolvimento da linguagem, e impõe uma mudança no modo de pensar e entender o mundo.

O pensador napolitano, ao relacionar as três etapas da língua à história do homem, almeja desvendar todo o complicado e lento processo da espécie humana na busca de conhecer e entender a natureza.

Por isso, Vico utilizou amplamente a linguagem como meio de desvendar o progresso histórico do homem, pois considera que a compreensão do mundo e a língua humana desenvolveram-se conjuntamente.

Não obstante, o paralelo entre história e evolução da linguagem pode ser explorado até certo ponto, pois enquanto a língua humana apresenta uma evolução constante e linear, a história, segundo Vico, se desenvolve de maneira cíclica, ou seja, o desenvolvimento da história tende a se processar em ciclos distintos: barbárie, progresso, apogeu, nova barbárie. No entanto, esse ciclo não é um processo de repetição. Ele funciona como uma espiral, pois as fases históricas nunca se repetem, de forma igual.

Já Rousseau, ao longo de seu *Ensaio*, ambiciona compreender a relação da linguagem com a sociedade, enfatizando a interação entre os homens. Ele defende que o ser humano conquistou e desenvolveu a linguagem, a fim de unir-se mais aos outros homens. No entanto, paradoxalmente, a gramaticalização e a racionalização da linguagem terminaram contribuindo para o afastamento dos homens, gerando conflitos constantes entre eles.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Helder Nogueira. **Hegel e Vico: o sentido da história**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – UEC, Ceará, 2009. Disponível em: http://www.filosofia.ufc.br/argumentos/pdfs/edicao_1/helder_vico_e_hegel.pdf Acesso em 07/03/10.

BERLIN, Isaiah. **Three critics of the Enlightenment. Vico, Hamann, Herder**. Princeton: Princeton University Press, 2000.

CAVALCANTE, J. C.; GUIDO, H. A. **Giambattista Vico: Uma crítica ao modelo moderno de educação**. Disponível em: <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/218JoaoCavalcante_HumbertoGuido.pdf> Acesso em: 11/03/2010

COSTELLOE, Timothy. Giambattista Vico. **The Stanford Encyclopedia of Philosophy** (Spring 2012 Edition), Edward N. Zalta (ed.), <<http://plato.stanford.edu/archives/spr2012/entries/vico/>>. Consultada em 15 de dezembro de 2011.

GORSKI, Edair & MOURA, Heronides. **Estudos gramaticais**. Florianópolis, DLLV-UFSC, 2011.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: Chicago University Press. 1980. Edição brasileira: *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de M. S. Zanotto e V. Maluf. São Paulo: EDUC. 2002

MARANGON, Maria Rosa. **A evolução da história do homem segundo Giambattista Vico**. Dissertação (Especialização em Filosofia Moderna e Contemporânea) – UFJF, Minas Gerais, 2007. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/AEHHSgv.pdf>>. Acesso em: 03/03/2010.

MOURA, Heronides; CAMBRUSSI, Morgana. **História dos Estudos Linguísticos**. Florianópolis:UFSC, 2008.

PINKER, Steven. **The stuff of thought**. New York:Viking, 2007.

RIBEIRO, Lucas Mello. **A língua de Rousseau**. Disponível em:<http://www.fafich.ufmg.br/estudoslacanianos/pdf/Lucas_Ribeiro_artigo_08.pdf>. Acesso em: 09/04/10.

RICOEUR, P. **A metáfora viva**. São Paulo: Edições Loyola. 2005.

ROUSSEAU, Jean- Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas**. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultura, 1978.

SEUREN, P. **Western Linguistics: an historical introduction**. Oxford: Blackwell, 1998.

TOMASELLO, Michael. **Origins of Human Communication**. Cambridge (Mass.): The MIT Press, 2008.

VICO, Giambattista. **Princípios de uma ciência nova: acerca da natureza comum das nações**. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

ZIR, Alexandro. **A tese da primazia da metáfora, defesa e problematização: um estudo a partir de Vico**. Disponível em:<<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0901/090105.pdf>>. Acesso em: 01/04/10.